

# O DISCURSO JOVEM: CONSTRUÇÃO E AVALIAÇÃO ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

Paulo Roxo Barja<sup>1</sup>  
Cláudia Regina Lemes<sup>2</sup>

*Cordelista vai à escola  
debater informação,  
questionar, levar ideias,  
promover a criação  
coletiva de poesia  
- cordel, rap, até canção.  
Cada encontro deixa a alma  
mais feliz e energizada;  
todos juntos somos fortes,  
nossa voz é ampliada.  
O cordel pede respeito  
ao discurso da moçada:  
Peleja por Igualdade,  
Batalha contra o Machismo,  
Afeto por minorias,  
Repúdio a todo Racismo,  
Justiça e Respeito sempre,  
Amor e mais: ativismo!*  
Paulo Roxo Barja

## Introdução: Cordel e Educação

Ainda hoje, ouve-se frequentemente – inclusive no meio acadêmico – a afirmação de que o Brasil é um país sem tradição de leitura. Independentemente da camada social, é comum que se aponte, como formas artísticas predominantes em nosso país, a música e a dança, que na maior parte das vezes assumem aspecto festivo (como no carnaval), devocional (procissões) ou uma fusão destes. Entretanto, desde sua chegada ao Brasil, ainda no período colonial, a literatura de cordel encontrou terreno fértil e aqui fincou raízes, de tal modo que os folhetos hoje representam, para muitos, uma das mais puras formas de expressão da cultura popular brasileira.

Vinculado à tradição oral (frequentemente apresentado na forma cantada, por exemplo), o cordel trata dos mais diversos assuntos, sendo acessível a pessoas de todas as camadas sociais: do estrato considerado culto (que geralmente possui frequentes oportunidades de contato com a diversidade cultural) até a camada mais popular, que tem contato mais direto com esse tipo de literatura rica em narrativas, forma privilegiada de comunicação e transmissão de conhecimento.

Embora se considere os anos 50/60 do século XX como a época de ouro do cordel brasileiro, a verdade é que os folhetos seguem até hoje mobilizando autores e leitores, tendo sido inclusive impulsionados pelo aumento do acesso à internet em nosso país. Progressivamente, a literatura de cordel encontrou seu caminho junto à Educação, tornando-se não apenas objeto de estudo nas universidades, como também recurso didático nos diferentes

---

<sup>1</sup> Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, São José dos Campos, São Paulo, Brasil. E-mail: [barja@univap.br](mailto:barja@univap.br).

<sup>2</sup> Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: [claurlemes@gmail.com](mailto:claurlemes@gmail.com).

níveis de ensino (MARINHO; PINHEIRO, 2012). De certo modo, pode-se afirmar que isso representa apenas a oficialização de algo que informalmente já ocorria: principalmente no sertão nordestino, o cordel há décadas já assumia papel importante na alfabetização de crianças e jovens, como exemplifica o ator José Dumont, em relato a Henrique (2005).

No final do governo Lula, num reconhecimento à importância dos folhetos na educação, o primeiro Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel apresentava a categoria “formação”, voltada a iniciativas vinculadas à difusão desta literatura em ambiente escolar, com a formação de agentes multiplicadores (BRASIL, 2010). Isso permite afirmar que o cordel já se encontra plenamente reconhecido como recurso pedagógico nas redes de ensino do Brasil, como o provam iniciativas como as de Arievaldo Viana, com seu projeto “Acorda Cordel na Sala de Aula”), e Francisco Diniz (2015) com o projeto “Cordel na Escola”.

No entanto, há outro aspecto que ainda se encontra em desenvolvimento (e requer incentivo): trata-se do estabelecimento da literatura de cordel como recurso de expressão para os jovens. Este foi o objetivo principal do projeto “Narração, Foto e Poesia”, desenvolvido em São José dos Campos, com apoio do Fundo Municipal de Cultura. O presente artigo analisa os textos de cordel criados a partir das oficinas literárias de tema livre realizadas no âmbito deste projeto.

### **Projeto: implantação e metodologia**

No período 2015/2016, o Fundo Municipal de Cultura de São José dos Campos foi posto em prática, apoiando a execução de cerca de 20 projetos culturais. Um dos projetos selecionados para implantação, “Narração, Foto e Poesia”, envolveu o oferecimento de oficinas de cordel a alunos de escolas públicas joseenses, visando propiciar o contato direto destes com esta forma literária, bem como capacitar os alunos ao exercício da expressão através da criação coletiva de textos no formato da poesia de cordel.

As atividades ocorreram em oito escolas de diferentes regiões da cidade. Em todas as oficinas, partiu-se do conceito enunciado por Boal (2005) que define os participantes como “espectadores”, ou seja, um público que acompanha e ao mesmo tempo participa da atividade criativa.

As oficinas de cordel foram divididas nas seguintes etapas:

1. *Apresentação sobre literatura de cordel* – utilizou (sempre que possível) projeção em telão (com auxílio de Datashow), buscando empregar linguagem simples e com abertura para questões a qualquer momento. Foi apresentada a contextualização histórica desta forma literária, além de exemplos criativos;
2. *Leitura de Cordéis Joseenses* – apresentação de cordéis selecionados com auxílio dos próprios participantes;
3. *Sessões de criação coletiva* – criação coletiva de cordéis em sala de aula, com tema definido pelos próprios estudantes. Foi dada ênfase à composição em sextilhas, formato tradicional e mais simples que as demais métricas do cordel; a leveza da sextilha fazia desta a forma ideal para incentivar, inicialmente, a leitura e interpretação entre crianças e adolescentes – e, num segundo momento, a criação, objetivo principal das oficinas. Como procedimento geral, os versos criados pelos alunos eram anotados em quadro branco à vista de todos, que faziam sugestões e correções até atingir um formato de consenso (posteriormente revisado pelo professor-cordelista).

A partir das oficinas, foram assim desenvolvidos textos em sextilhas de cordel, depois disponibilizados em versão impressa (agrupados em folhetos) e também pela internet (no blog

*Cordéis Joseenses*). As escolas participantes receberam a doação de exemplares dos cordéis coletivos publicados ao longo do projeto.

### Resultados e discussão

Na criação coletiva, o maior desafio era vencer uma certa timidez inicial por parte dos alunos, que podemos atribuir à insegurança natural em se assumir como sujeito criativo numa forma artística ainda não familiar para eles. Mesmo assim, em todos os encontros realizados foi possível compor sextilhas coletivamente. Nas oficinas, a criação coletiva partiu de elementos que nem sempre estão presentes no cotidiano escolar. Foram permitidos e incentivados, como partes essenciais do processo de construção coletiva:

1. *Diálogo aberto* – as conversas espontâneas entre os estudantes serviram como ponto de partida para a interação e posterior atividade criativa. A partir da oralidade é que foram produzidos os textos de cordéis depois disponibilizados em versão impressa (para todas as escolas participantes) e na internet, via blog e YouTube, aliando-se assim cultura tradicional e recursos tecnológicos.
2. *Definição democrática dos temas* – entre os estudantes, para definição dos temas a se tratar. Deste modo, a conversa informal com os alunos servia para levantar temas/assuntos relevantes para eles, a explorar na criação coletiva das sextilhas, garantindo assim que a produção fosse significativa como veículo de expressão dos estudantes, mais que mero exercício em sala de aula.

A figura 1(a/b) apresenta dois exemplos de textos criados pelos estudantes, mostrando o quadro branco da sala de aula após a sessão coletiva de criação.

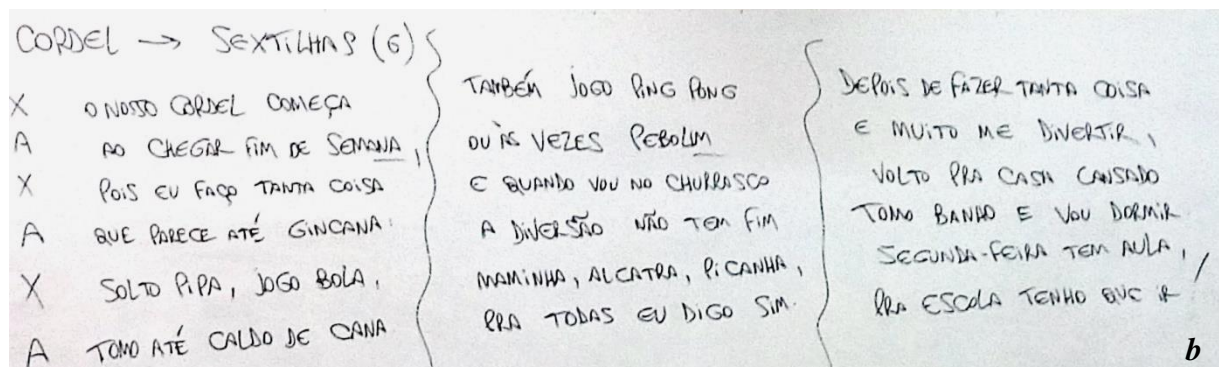
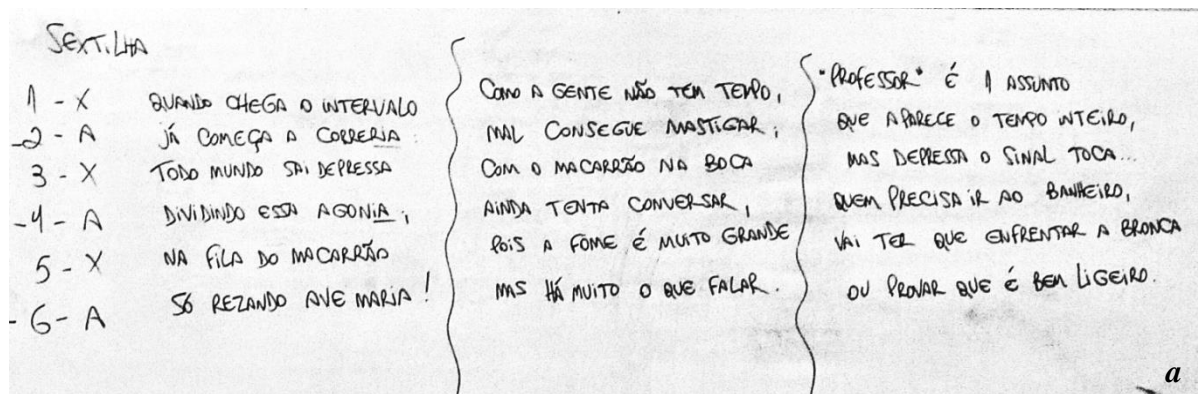


Figura 01 (a e b): Dois exemplos de produção coletiva de cordel dentro do projeto “Narração, Foto e Poesia”.

Experiências prévias já apontavam para o fato de que o público jovem em geral responde positivamente ao convite à criação de versos de cordel (BARJA, 2014; BARJA; LEMES, 2014), o que se confirmou durante o projeto. Foram produzidos textos abordando os mais diversos assuntos: desde temas como amor e culinária, até textos mais diretamente políticos, questionando machismo e racismo.

Aqui, é importante observar que mesmo os temas considerados “mais leves” são reveladores de uma visão de mundo. Um dos poemas questiona, por exemplo, a franquia televisiva *MasterChef*, argumentando que “a comida lá é boa / mas em casa é mequetrefe” (“Oficina de Cordel”, primeiro folheto coletivo publicado dentro do projeto).

O interesse demonstrado por alunos tanto do Ciclo Fundamental quanto do Ensino Médio na narração (inclusive em cordel) de histórias de sustos e assombração levou à produção de um “Cordel do Medo”, que apresenta como principal história uma narrativa intitulada “Strogonoff do Medo” e que fala sobre crimes (ficcional) cometidos contra alunos (CORDÉIS JOSEENSES, 2015a).

Quanto ao amor, a história criada por alunos da Zona Sul de São José dos Campos, na periferia da cidade, é exemplar: narra o romance entre um cantador de rua e a filha de um prefeito da região. O rapaz chega a ser interpelado por seguranças da moça e sofre para vencer a barreira social e ser enfim aceito pelo pai da noiva. Também revelador é o final do cordel, que anuncia: o rapaz pode vir a ser o sucessor do prefeito numa próxima eleição (CORDÉIS JOSEENSES, 2015b).

Apesar das narrações efetuadas na linguagem do cordel, predominaram no projeto – por opção dos próprios alunos – os textos não narrativos, ou seja, aqueles que cumpriram essencialmente o papel de dissertação em versos. Uma leitura atenta desses textos permitiu a identificação de elementos ideológicos por meio dos temas predominantes e que podem ser sumarizados, de modo agrupado, como segue:

1. críticas ao machismo;
2. juízo de valor relacionado com a conduta sexual e o gênero;
3. denúncias contra preconceito e *bullying*.

Quanto aos primeiros dois tópicos, é interessante observar que são aspectos que coexistem em diversos trechos da produção coletiva, como vemos a seguir:

Até hoje ainda se escuta:  
“Mulher tem que cozinhar!”  
Marido chega cansado  
e diz: “Prepare o jantar!”  
[...]  
O machismo vem de casa  
e aparece *na quebrada*;  
a mulher de roupa curta  
é bastante assediada  
e até por outras mulheres  
fica sendo mal falada  
[...]  
Tem muito homem folgado:  
diz que é dono do pedaço.  
Na hora do vamos ver,  
demonstra que é um fracasso.  
 (“A Peleja das Mulheres Contra o Monstro do Machismo”, produção coletiva,  
CORDEIS JOSEENSES, 2015c)

Aqui, podemos destacar alguns pontos. Embora o texto dos estudantes revele essencialmente críticas à postura do homem machista (que já chega em casa dando ordens), há também menção explícita ao fato de que a “mulher de roupa curta” sofre sanções de outras mulheres. Esta colocação endossa o entendimento de que o machismo, mais do que uma questão de gênero, é uma questão cultural.

Também chama atenção o fato de que, ao lado de um discurso consciente contra o machismo, o texto dos estudantes apresenta, por outro lado, afirmações que indicam uma avaliação de homens e mulheres segundo quesitos sexuais – o “fracasso”, no contexto da produção dos alunos, sugere desempenho sexual insatisfatório.

Passando ao terceiro tópico mencionado, o “Cordel-Rap do Bullying”, produzido coletivamente no âmbito do projeto, apresenta um texto forte sobre a violência e opressão expressos através de atitudes de *bullying*, enfatizando as ofensas verbais, enumeradas no próprio texto: “gordo”, “retardado”, “vesgo”, “viadinho” e “vadia que não tem jeito”. O poema declara que o *bullying* “é, na verdade, um tipo de violência” e conclui pedindo uma mudança de atitude por parte das pessoas. Percebe-se aqui uma certa superposição com pontos de vista expressos nos trechos anteriormente comentados, em relação ao machismo; afinal, a “vadia que não tem jeito” talvez seja a “mulher de roupa curta” citada no outro texto. Como se trata de textos produzidos em datas diferentes, por alunos diferentes, eles se complementam para mostrar a relevância do tema, sinalizando para possíveis debates a se fazer no próprio ambiente escolar. Também a questão da orientação sexual aparece, na ofensa “viadinho”, que é criticada pelos alunos. No entanto, a simples presença do termo no cordel sugere que se trata de vocabulário comum entre os próprios alunos (a ponto de haver o registro da queixa no texto). Lembramos aqui o discurso presente em outro texto coletivo do mesmo folheto de cordel, que diz “Uma coisa essencial / é o respeito à diferença” (CORDEIS JOSEENSES, 2015d).

Outros textos produzidos apresentam o discurso dos jovens em relação ao preconceito racial. Este discurso é expresso de modo bastante direto no “Cordel-Rap do Racismo e da Desigualdade”:

Vamos falar de racismo,  
que é forma de preconceito.  
Muitos julgam cor de pele  
e não têm nenhum respeito:  
[...]  
Todo mundo acha legal  
o Pelé e o Obama  
mas pro negro sem dinheiro  
o chão firme vira lama  
(“Cordel-Rap do Racismo e da Desigualdade”, produção coletiva, CORDEIS JOSEENSES, 2015c)

É interessante observar que os alunos demonstram aqui a percepção de que o preconceito não é apenas em relação à cor, e sim em relação ao *status* social. Nesse sentido, é exemplar o trecho “Todo mundo acha legal / o Pelé e o Obama / mas pro negro sem dinheiro / o chão firme vira lama”. Ressaltamos que todas as produções efetivadas ao longo do projeto foram disponibilizadas a todas as escolas participantes, de certo modo permitindo a realização do debate referente a esta questão (e outras) em contexto que extrapola os limites físicos da escola em que o texto foi produzido. Assim, se a metodologia adotada permitiu aproximação com os estudantes, por outro lado constata-se que a produção cordelística conjunta pode servir, também, como ponto de partida para debates mais amplos.

## Conclusão

A Cultura Popular pode ser ponto de partida para várias alternativas de atividades pedagógicas tanto no registro da educação formal quanto na educação informal. A análise dos textos de cordel coletivamente produzidos permitiu identificar elementos ideológicos a partir dos temas e termos predominantes nos textos; assim, foi possível conhecer a visão dos alunos sobre o mundo atual, seus anseios, medos e mesmo suas contradições. Por fim, o desenvolvimento das atividades vinculadas à criação coletiva de cordel mostra ser essa uma opção significativa para a expressão em sentido que ultrapassa o fazer artístico: escrito, falado ou cantado, o cordel pode dar voz aos estudantes.

## Referências

BARJA, P. R. Cordel e a Poesia do Cotidiano: um jeito de ler os leitores. **Linha Mestra** (ALB), v. 24, p. 2755-2760, 2014.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BRASIL, 2010. Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel divulga projetos classificados. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2010/12/premio-mais-cultura-de-literatura-de-cordel-divulga-projetos-classificados>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

CORDÉIS JOSEENSES, 2015a. CJ 61 – Cordel do Medo. Disponível em: <<http://cordeisjoseenses.blogspot.com.br/2015/11/cj-61-cordel-do-medo.html>>. Acesso em: 30, ago. 2016.

CORDÉIS JOSEENSES, 2015b. CJ 63 – Cordel do Amor em Sextilhas. Disponível em: <<http://cordeisjoseenses.blogspot.com.br/2015/12/cj-63-cordel-do-amor-em-sextilhas.html>>. Acesso em: 30, ago. 2016.

CORDÉIS JOSEENSES, 2015c. CJ 64 – O Cordel Pedre Respeito. Disponível em: <<http://cordeisjoseenses.blogspot.com.br/2015/12/cj-64-o-cordel-pede-respeito-ao.html>>. Acesso em: 30, ago. 2016.

CORDÉIS JOSEENSES, 2015d. CJ 59 – Oficina de Cordel. Disponível em: <<http://cordeisjoseenses.blogspot.com.br/2015/08/cj-59-oficina-de-cordel.html>>. Acesso em: 30, ago. 2016.

DINIZ, F. 2015. Projeto Cordel na Escola. Disponível em: <<http://www.projetcordel.com.br/projetocordelnaescola.htm>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

HENRIQUE, K. **José Dumont**: do cordel às telas. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

LEMES, C. R.; BARJA, P. R. Cordel na Escola: leitura, oralidade e construção coletiva. **Linha Mestra** (ALB), v. 24, p. 2761-2764, 2014.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.